

I

É aos jovens que quero falar hoje. Que os velhos — os velhos de coração e de espírito, bem entendido — ponham o livro de lado para não fatiguem inutilmente seus olhos com uma leitura que nada lhes dirá.

Suponho que vos aproximais dos dezoito ou vinte anos; que acabais vosso aprendizado de uma profissão ou vossos estudos; que ides entrar na vida. Possuis, acredito, o espírito liberto das superstições, que vos procuraram inculcar: não tendes medo do diabo e não ireis ouvir deblaterar os padres e os pastores. Além do mais, não sois um destes janotas, tristes produtos de uma sociedade em declínio, que exibem sobre as calçadas suas calças mexicanas e seus rostos simiescos, e que já nessa idade possuem apetites de prazer a qualquer preço..., suponho, ao contrário, que possuíis o coração em seu devido lugar, e é por isto que vos falo.

Uma primeira questão, sei disso, apresenta-se a vós. “— O que eu me tornarei!”, vós vos perguntastes muitas vezes. Com efeito, quando se é jovem, compreende-se que, após ter estudado uma profissão ou uma ciência durante vários anos — às custas da sociedade, observai-o bem —, não é para fazer dela um instrumento de exploração, e seria preciso ser bem depravado, bem carcomido pelo vício, para nunca ter sonhado, um dia, aplicar sua inteligência, sua capacidade, seu saber, para ajudar na libertação daqueles que pululam hoje na miséria e na ignorância.

Sois daqueles que sonharam, não é verdade? Bem, o que fareis para que vosso sonho torne-se uma realidade?

...

Não sei em que condições nascestes. Talvez, favorecido pela sorte, fizestes estudos científicos; sois médico, advogado, homem de Letras ou de ciência que ireis vos tornar; um amplo campo de ação abre-se diante de vós; entraís na vida com vastos conhecimentos, as aptidões desenvolvidas; ou, então, sois um honesto artesão, cujos conhecimentos científicos limitam-se ao pouco que aprendestes na escola, mas que tivestes a vantagem de conhecer de perto o que é a vida de rude labuta do trabalhador de nossos dias.

Detenho-me na primeira suposição para, em seguida, voltar à segunda; admito que recebestes uma educação científica. Suponhamos que ireis vos tornar... médico.

Amanhã, um homem sem agasalhos virá buscar-vos para socorrer um doente. Conduzir-vos-á por uma destas ruelas onde os vizinhos quase podem dar-se as mãos por sobre as cabeças dos passantes; subis, em um ar impuro, à luz vacilante de um lampião, duas, três, quatro, cinco escadas cobertas de sujeira deslizante e, em um quarto escuro e frio, encontrareis a enferma, deitada sobre um catre, recoberta de farrapos imundos. Crianças pálidas, lividas, tiritando de frio sob andrajos, observam-vos com olhos arregalados. O marido labutou toda sua vida de doze a treze horas diárias em qualquer tipo de trabalho: agora, está desempregado há três meses. O desemprego não é raro em sua profissão: repete-se periodicamente todos os anos; mas, outrora, quando se encontrava desempregado, a mulher ia trabalhar como diarista... lavar vossas camisas, talvez, ganhando uns poucos trocados por dia; mas eis que ela se encontra acamada há dois meses, e à miséria ergue-se hedionda diante da família.

O que aconselhareis à enferma, doutor? Vós, que haveis adivinhado que a causa da doença é anemia profunda, falta de boa alimentação, ausência de ar puro? Um bom bife todos os dias, uma caminhada ao ar livre, um quarto seco e bem arejado? Que ironia! Se ela pudesse fazê-lo, já o teria feito sem esperar vossos conselhos!

Se tiverdes um bom coração, a palavra franca, o olhar honesto, a família contar-vos-á muitas coisas. Ela vos dirá que do outro lado do tabique, essa mulher que tosse, a ponto de vos partir o coração, é a pobre passadeira; que no andar de baixo todas as crianças têm febre; que a lavadeira do térreo também não verá à primavera, e que na casa ao lado é ainda pior.

O que direis a todos estes enfermos? Boa alimentação, mudança de clima, um trabalho menos penoso?... Desejaríeis poder dizê-lo, entretanto, não ousais, e saís com o coração em pedaços, e com a maldição sobre os lábios.

No dia seguinte, ainda refletis sobre os habitantes do pardieiro, quando vosso colega vos conta que um criado veio buscá-lo, em carruagem, desta vez. Era para a moradora de uma rica mansão, para uma dama, esgotada por noites sem sono, que dedica toda sua vida às toaletes, às visitas, ao baile e às querelas com um marido grosseiro. Vosso colega aconselhou-lhe uma vida menos inepta, uma alimentação menos picante, passeios ao ar livre, a calma de espírito e um pouco de ginástica no quarto, para substituir, até um certo ponto, o trabalho produtivo!

Uma morre, porque durante toda sua vida jamais comeu o bastante e nunca repousou o suficiente; a outra definha, porque durante toda sua vida nunca soube o que é o trabalho...

Se vós sois uma dessas naturezas fracas, que se habitua a tudo, que, diante dos fatos mais revoltantes, aliviam-se com um suave suspiro e com um chope, então, acostumar-vos-eis, com o tempo, a estes contrastes, e, com a ajuda da natureza animalesca, só tereis uma idéia: ajustar-vos nas fileiras dos boas-vidas para nunca vos encontrardes entre os miseráveis. Porém, se sois “um homem”, se cada sentimento se traduz em vós por um ato de vontade, se a fera que reside em vós

não matou o ser inteligente, então, retornareis um dia para vossa casa dizendo: “Não, é injusto, isto não deve continuar assim. Não se trata de curar as enfermidades, é preciso preveni-las. Um pouco de bem-estar e de desenvolvimento intelectual bastariam para apagar de nossas listas a metade dos doentes e das doenças. Ao diabo, as drogas! Ar, alimento, um trabalho menos embrutecedor, é por aí que é preciso começar. Sem isto, toda esta profissão de médico não é senão engodo e falsa aparência”.

Nesse dia, então, compreenderéis o socialismo. Desejareis conhecê-lo de perto, e se o altruísmo não é para vós uma palavra sem significado, se aplicais ao estudo da questão social a severa indução do naturalista, acabareis por vos encontrar em nossas fileiras, e trabalhareis, como nós, pela revolução social.

...

Contudo, talvez direis: “Ao diabo, a prática! Assim como o astrônomo, o físico, o químico, dediquemo-nos à ciência pura. Esta sempre dará seus frutos, ainda que seja para as gerações futuras!” Tratemos, de início, de nos entendermos quanto ao que procurareis na ciência. Será apenas o prazer — com certeza imenso — que o estudo dos mistérios da natureza e o exercício de nossas faculdades intelectuais nos dão? Neste caso, perguntar-vos-ei em que o cientista, que cultiva a ciência para passar agradavelmente sua vida, difere desse alcoólatra que só procura na vida o prazer imediato, e o encontra no vinho? O cientista, sem dúvida, escolheu melhor a fonte de seus prazeres, visto que a sua oferece-lhe os mais intensos e duráveis, mas é tudo! Ambos, o alcoólatra e o cientista, têm o mesmo objetivo egoísta, o prazer pessoal.

Porém, não desejais esta vida de egoísta. Trabalhando pela ciência, entendeis trabalhar pela humanidade, e, é por esta idéia que vos guiareis, na escolha de vossas pesquisas...

Bela ilusão! E quem de nós não a acariciou em determinado momento, quando se integrava pela primeira vez à ciência!

Contudo, se de fato sonhais com a humanidade, se é a ela que visais em vossos estudos, uma formidável objeção vai se erguer diante de vós, pois, por pouco que tenhais o espírito justo, observareis, de imediato, que, na sociedade atual, a ciência é apenas um objeto de luxo, servindo para tornar a vida mais agradável a algumas pessoas e permanecendo absolutamente inacessível à quase totalidade da humanidade.

Com efeito, há mais de um século que a ciência estabeleceu sadias noções cosmogônicas, mas a quanto se eleva o número daqueles que as possuem ou que adquiriram um espírito crítico na verdade científica? Apenas alguns milhares que se perdem em meio a centenas de milhões,

dividindo ainda preconceitos e superstições dignos de bárbaros, expostos, por conseguinte, a sempre servir de joguetes aos impostores religiosos.

Ou, então, lançai um olhar sobre o que a ciência fez para elaborar as bases racionais da higiene física e moral. Ela vos diz como devemos viver para conservar a saúde de nosso corpo, como manter em bom estado nossas aglomerações humanas; indica o caminho da felicidade intelectual e moral. Porém, todo o imenso trabalho, realizado nestes dois sentidos, não permanece inaplicado em nossos livros?

E por que isto? — Porque a ciência, hoje, é feita apenas para um punhado de privilegiados, porque a desigualdade social, que divide a sociedade em duas classes, a dos assalariados e a dos detentores do capital, faz de todos os ensinamentos sobre as condições da vida racional uma zombaria para nove décimos da humanidade.

Eu poderia ainda vos citar muitos exemplos, mas resumo: basta que saiais do gabinete de Fausto, cujos vitrais enegrecidos de poeira mal deixam penetrar, sobre os livros, a claridade do dia, observai ao vosso redor, e a cada passo vós mesmos encontrareis as provas que corroborarão esta idéia.

Já não se trata, neste momento, de acumular as verdades e as descobertas científicas. Importa antes de mais nada disseminar as verdades adquiridas pela ciência, fazê-las entrar na vida, fazer delas um domínio comum. Importa fazer com que todos, toda a humanidade, torne-se capaz de assimilá-las, aplicá-las: que a ciência cesse de ser um luxo, que ela seja a base da vida de todos. A justiça assim o quer.

Direi mais: é o próprio interesse da ciência que o impõe. A ciência só realiza progressos reais, quando uma nova verdade já encontra um meio preparado para aceitá-la. A Teoria da Origem Mecânica do calor, enunciada no século passado, quase nos mesmos termos enunciados por Hirn e Clausius, permaneceu durante oitenta anos enterrada nas teses acadêmicas, até que os conhecimentos físicos tivessem sido bastante propagados para criar um meio capaz de aceitá-los. Foi necessária a sucessão de três gerações para que as idéias de Erasmo Darwin sobre a adaptação das espécies fossem acolhidas, de modo favorável, pela boca de seu neto, e para que fossem admitidas pelos cientistas acadêmicos, não sem pressão, é verdade, por parte da opinião pública. O cientista, assim como o poeta ou o artista, é sempre o produto da sociedade na qual se movimenta e aprende.

Porém, se vos imbuirdes destas idéias, compreenderéis que, antes de mais nada, é importante produzir uma profunda modificação nesse estado de coisas, que, hoje, condena o cientista a regurgitar verdades científicas e a quase totalidade dos seres humanos a permanecer o que era há cinco, dez séculos, isto é, no estado de escravos e máquinas incapazes de assimilar as verdades estabelecidas. E, no dia em que vos imbuirdes desta idéia, ampla, humanitária e profundamente

científica, nesse dia, perdereis o gosto pela ciência pura. Vós vos colocareis à procura dos meios para operar esta transformação e, se não renunciardes à imparcialidade que vos guiastes em vossas investigações científicas, adotareis necessariamente a causa do socialismo; fareis cessar os sofismas e vireis juntar-vos a nós; fatigado de trabalhar para fornecer prazeres a esse pequeno grupo, que deles já possui uma grande parte, colocareis vossa inteligência e vossa dedicação a serviço imediato dos oprimidos.

E estejais certo de que, então, o sentimento do dever cumprido e um acordo real se estabelecendo entre vossos sentimentos e atos, encontrareis, em vós, forças, de cuja existência nunca havíeis suspeitado. E quando, um dia — e não está longe apesar do que pensem vossos professores — a modificação, pela qual tereis trabalhado, realizar-se, então, extraíndo novas forças do trabalho científico coletivo e no concurso poderoso dos exércitos de trabalhadores, que virão se pôr a seu serviço, a ciência tomará um impulso, comparado ao qual os lentos progressos de hoje parecerão simples exercícios escolares.

Então, desfrutai a ciência: este prazer será para todos!

II

Se terminais vossos estudos de Direito e se vos preparais para O fórum, pode ocorrer que também tenhais ilusões a respeito de vossa atividade futura — admito, portanto, que sois dos melhores que conhecem o altruísmo. Pensais, talvez: “Consagrar a vida a uma luta sem trégua nem mercê contra todas as injustiças; aplicar-se constantemente para fazer triunfar a Lei, expressão da justiça suprema: qual vocação poderia ser mais bela?” e entraís na vida cheio de confiança em vós mesmos, na vocação que escolhestes.

Pois bem, abramos ao acaso a crônica judiciária e vejamos o que vos dirá a vida.

Eis um rico proprietário; ele pede a expulsão de um camponês, que não paga o arrendamento acertado. Do ponto de vista legal, não há hesitação possível: uma vez que o camponês não paga, deve abandonar as terras. Porém, se analisamos os fatos, eis o que aprendemos:

O proprietário sempre dissipou suas rendas em alegres festins, o camponês sempre trabalhou. O proprietário nada fez para melhorar suas terras, entretanto, o valor triplicou em cinquenta anos, graças à mais-valia dada ao solo pelo traçado de uma ferrovia, por novas estradas vicinais, pelo aterro dos pântanos, pelo arroteamento de terrenos incultos; e o camponês, que contribuiu em grande parte para dar esta mais-valia à terra, está arruinado; preso nas mãos dos negociantes, perdido em dívidas, não pode mais pagar o proprietário das terras. A lei, sempre do lado da propriedade, é formal; ela dá razão ao proprietário. Vós, porém, em quem as ficções jurídicas ainda não mataram o sentimento de justiça, o que fareis? Pedireis que se jogue o camponês

na estrada — é a lei que o ordena — ou, ainda, pedireis que o proprietário restitua ao arrendatário toda a parte da mais-valia que é devida ao trabalho deste último? É a equidade que vô-lo dita. De que lado colocar-vos-eis? A favor da lei, mas contra a justiça? Ou, então, pela justiça, mas contra a lei?

E, quando operários puserem-se em greve contra seu patrão, sem previni-lo com quinze dias de antecedência, de que lado estareis? Do lado da lei, isto é, do lado do patrão que, aproveitando-se de um tempo de crise, percebia lucros escandalosos (leiam os últimos processos), ou contra a lei, mas a favor dos operários que percebiam, durante esse mesmo tempo, salários de 2,50 francos e viam suas mulheres e seus filhos definharem? Defendereis esta ficção, que consiste em afirmar a “liberdade de negociações”? Ou apoiareis a equidade, em virtude da qual um contrato fechado entre aquele que jantou muito bem e aquele outro que vende seu trabalho para comer, entre o forte e o fraco, não é um contrato?

Eis um outro fato. Um dia, em Paris, um homem rondava perto de um açougue. Pegou um bife e pôs-se a correr. Prenderam-no, interrogaram-no e descobriram que se tratava de um operário desempregado, que ele e sua família nada tinham para comer havia quatro dias. Suplicaram ao açougueiro para que deixasse o homem ir embora, mas o açougueiro quis o triunfo da justiça! Deu prosseguimento à ação e o homem foi condenado a seis meses de prisão. É assim que o deseja a cega Themis. E vossa consciência não se revoltará contra a lei e contra a sociedade, ao ver que condenações análogas acontecem todos os dias?

Ou, então, pedireis a aplicação da lei contra este homem que, mal tratado, achincalhado desde a infância, tendo crescido sem ter escutado uma palavra de simpatia, acabe matando seu vizinho para lhe tomar um pouco de dinheiro? Pedireis que o guilhotinem, ou — o que é pior — que o trancafiem por vinte anos em uma prisão, quando sabeis que ele é mais doente que criminoso e que, em todo caso, é sobre toda a sociedade que recai este crime?

Pedireis que se jogue no xadrez esses tecelões que, em um momento de exasperação, puseram fogo na fábrica? Que se envie aos pontões-prisões este homem que atirou em um assassino coroadado? Que se fuzile este povo insurreto, que finca sobre as barricadas a bandeira do futuro?

Não, mil vezes não!

Se raciocinardes, ao invés de repetir o que vos ensinaram; se analisardes e extrairdes a Lei destas nuvens de ficções com as quais ela foi cercada para mascarar sua origem, que é o desejo do mais forte, e sua substância, que sempre foi a consagração de todas as opressões legadas à humanidade por sua sangrenta história — tereis um desprezo supremo por esta lei. Compreendereis que, permanecer servidor da lei escrita, é pôr-se, a cada dia, em oposição à lei da consciência e negociar com ela; e, como esta luta não pode durar, ou fazeis calar vossa consciência e tornar-vos-

eis um patife, ou, então, rompereis com a tradição e vireis trabalhar conosco pela abolição de todas as injustiças: econômicas, políticas, sociais.

Neste caso, então, sereis socialista, sereis revolucionário.

E vós, jovem engenheiro, que sonhais melhorar, pelas aplicações da ciência na indústria, o destino dos trabalhadores — que triste desencantamento, quantos dissabores vos esperam! Dais a energia juvenil de vossa inteligência à elaboração de um projeto de ferrovia, que, serpenteando à beira dos precipícios e perfurando o coração dos gigantes de granito, irá ligar dois países, separados pela natureza. Porém, uma vez em obras, vereis, nesse túnel sombrio, batalhões de operários dizimados pelas privações e doenças, vereis outros voltarem para casa levando apenas alguns trocados e os bacilos indubitáveis da tísica; vereis os cadáveres humanos — resultados de uma abominável avareza — marcar cada metro de avanço de vossa via, e, concluída, vereis, enfim, que se torna um caminho para os canhões dos invasores...

Haveis dedicado vossa juventude a uma descoberta, que deve simplificar a produção e, depois de muitos esforços, muitas noites sem sono, eis que vos encontrais, enfim, de posse desta preciosa descoberta. Vós a aplicais, e o resultado ultrapassa vossas esperanças. Dez mil, vinte mil operários serão lançados na rua! Os que permanecem, crianças, em sua maioria, serão reduzidos ao estado de máquinas! Três, quatro, dez patrões farão fortuna e “beberão o champanhe fartamente”... É com isso que haveis sonhado?

Enfim, estudais os progressos industriais recentes e vereis que a costureira nada ganhou com a descoberta da máquina de costura; que o operário do Gotardo morre de ancilostomíase, a despeito das perfuradoras de coroas de diamante; que o pedreiro e o diarista estão desempregados, como antes, ao lado dos elevadores Giffard — e se discutis os problemas sociais com esta independência de espírito, que vos guiou em vossos problemas técnicos, chegareis necessariamente à conclusão de que, sob o regime da propriedade privada e do salariado, cada nova descoberta, ainda que aumente um pouco o bem-estar do trabalhador, nada mais faz senão tornar sua servidão mais pesada, o trabalho mais embrutecedor, o desemprego mais frequente e as crises mais agudas, e aquele que já tem para si todos os prazeres é o único que se aproveita dela seriamente.

O que fareis, então, uma vez chegado a esta conclusão? Ou começareis por fazer calar vossa consciência por sofismas e, um belo dia, vos despedireis de vossos honestos sonhos de juventude e procurareis apoderar-vos, por vós mesmos, do que dá direito aos prazeres — ireis direto ao campo dos exploradores. Ou, então, se possuíis coração, vós vos direis: “Não, não é tempo de se fazer descobertas! Antes de mais nada, trabalhemos para transformar o regime de produção; quando a propriedade individual for abolida, aí, então, cada novo progresso industrial se fará em benefício de toda a humanidade; e esta massa de trabalhadores, hoje máquinas, amanhã seres pensantes, aplicando na indústria sua intuição, apoiada pelo estudo e exercitada pelo trabalho manual, o

progresso técnico terá um desenvolvimento que fará em cinquenta anos o que sequer ousamos imaginar hoje.”

...

E o que dizer ao professor — não àquele que considera sua profissão enfadonha, mas àquele que, cercado por um bando feliz de crianças, sente-se bem sob seus olhares animados, no meio de seus sorrisos infantis, e procura despertar nestas pequenas cabeças as idéias humanitárias que ele próprio mantinha quando era jovem?

Vejo-vos, amiúde, triste, e sei o que vos faz franzir as sobrancelhas. Hoje, vosso aluno preferido, que não está muito avançado em latim, é verdade, mas nem por isso deixa de ter um bom coração, contava com entusiasmo a lenda de Guilherme Tell. Seus olhos brilhavam, ele parecia querer apunhalar ali mesmo todos os tiranos; dizia com ardor este verso apaixonado de Schiller:

*Diante do escravo, quando ele rompe sua corrente,
Diante do homem livre, não treme!*

Porém, de volta à sua casa, sua mãe, seu pai, seu tio, o repreenderam abertamente pela falta de respeito que teve com o pastor ou o guarda rural; encheram-lhe os ouvidos durante uma hora, falando “da prudência, do respeito às autoridades, da submissão”, de tal forma que ele deixou Schiller de lado para ler *A arte de fazer seu caminho no mundo!*

E ainda ontem vos dizia que vossos melhores alunos estragaram-se: um deles, outra coisa não faz senão sonhar com galões militares; o outro, em companhia de seu patrão, rouba o magro salário dos operários, e vós, que havíeis colocado tantas esperanças nesses jovens, refletis agora sobre a triste contradição que existe entre a vida e o ideal.

Ainda refletis nisso! Prevejo, porém, que em dois anos, após ter tido desilusão sobre desilusão, colocareis vossos autores preferidos de lado e acabareis por dizer que Tell era sem dúvida um pai muito honesto, mas, em suma, um pouco louco; que a poesia é uma coisa excelente junto à lareira, sobretudo quando se ensinou, durante todo um dia, a regra dos juro compostos, mas que, apesar de tudo, os poetas pairam sempre nas nuvens, e que seus versos nada têm a ver, nem com a vida, nem com a próxima visita do inspetor...

“Ou, então, vossos sonhos de juventude tornar-se-ão a firme convicção do homem maduro. Desejareis a educação ampla, humanitária, para todos, dentro e fora da escola, e, ao ver que ela é impossível nas condições atuais, vós vos agarrareis às próprias bases da sociedade burguesa. Então, posto em disponibilidade pelo mister, deixareis a escola e vireis para o nosso lado, conosco, dizer

aos homens idosos, mas menos cultos do que vós, o que o saber possui de atraente, o que a humanidade deve ser, o que ela pode ser. Vireis trabalhar com os socialistas pela completa transformação do regime atual, no sentido da igualdade, da solidariedade, da liberdade.

...

Enfim, vós, jovem artista, escultor, pintor, poeta, músico, não observais que o fogo sagrado, que tinha inspirado algum de vossos predecessores, falta-vos hoje, a vós e aos vossos! Que a arte é banal, que a mediocridade reina?

E poderia ser de outra forma? A alegria de ter reencontrado o mundo antigo, de ter-se fortalecido nas fontes da natureza que fez as obras-primas do Renascimento, já não mais existe para a arte contemporânea: a idéia revolucionária deixou-a insensível até o presente momento e, na falta de idéia, ela crê ter encontrado uma no Realismo, quando se esforça, hoje, para fotografar, em cores, a gota do orvalho sobre a folha de uma planta, para imitar os músculos glúteos de uma vaca, ou para retratar com minúcia, em prosa e verso, a lama sufocante de um esgoto, o quarto de uma mulher galante.

Contudo, se assim é, o que fazer, direis.

Se o fogo sagrado, que dizeis possuir, é apenas um “pavio fumegante”, aí, então, continuareis a fazer como havieis feito, e logo vossa arte degenerará em ofício de decorador para os salões do lojista, de criador de libretos de operetas e de folhetins para um Girardin qualquer — a maioria de vós já desce rápido este funesto declive...

Porém, se, de fato vosso coração bate em uníssono com o da humanidade, se, como verdadeiro poeta, possuí um ouvido para escutar a vida, então, em presença deste mar de sofrimentos, cuja onda vos encobre, em presença destes povos que morrem de fome, destes cadáveres amontoados nas minas, e destes corpos mutilados jazendo em montículos aos pés das barricadas, destes comboios de exilados que vão se enterrar nas neves da Sibéria e nas praias das ilhas tropicais, em presença da luta suprema que se trava, gritos de dor dos vencidos e de orgias dos vencedores, o heroísmo às voltas com a covardia, o entusiasmo em luta com a baixez — não podereis mais continuar neutro; vireis juntar-vos aos oprimidos, porque sabeis que o belo, o sublime, a vida, enfim, estão do lado daqueles que lutam pela luz, pela humanidade, pela justiça!

...

Finalmente, vós me interrompeis!

Todavia, dissei, se a ciência abstrata é um luxo e a prática da medicina uma falsa aparência; se a lei é uma injustiça, e a descoberta técnica um instrumento de exploração; se a escola, às voltas com a sabedoria do prático, está certa de ser vencida; se a arte, sem idéia revolucionária, só pode degenerar, O que me resta, então, a fazer?

Pois bem, respondo:

— Um imenso trabalho, atraente no mais elevado nível, um trabalho no qual os atos estarão em completo acordo com a consciência, um trabalho capaz de envolver as naturezas mais nobres, as mais vigorosas.

Que trabalho? — Vou dizê-lo.

III

Ou transigir sempre com sua consciência e acabar um belo dia por se dizer: “Pereça a humanidade desde que eu possa gozar de todos os prazeres e tirar proveito disso enquanto o povo for bastante parvo para me deixar fazê-lo!” Ou, então, juntar-se aos socialistas e trabalhar com eles pela completa transformação da sociedade. Esta é a consequência forçada da análise que fizemos. Tal será a conclusão lógica, à qual deverá chegar, à força, todo ser inteligente, desde que raciocine com honestidade sobre o que se passa em torno dele, por pouco que saiba ter razão sobre os sofismas que lhe sopram ao ouvido sua educação burguesa e a opinião interessada daqueles que o cercam.

Uma vez tirada esta conclusão, a questão “O que fazer?” apresenta-se de modo natural.

A resposta é fácil.

Basta que saiais deste meio no qual estais situado e onde é usual dizer que o povo é apenas um monte de ignaros; vinde para este povo e a resposta surgirá por si mesma.

Vereis que em todos os lugares, na França bem como na Alemanha, na Itália como nos Estados Unidos, em todos os lugares onde há privilegiados e oprimidos, realiza-se no seio da classe operária um trabalho gigantesco, cujo objetivo é romper para sempre a servidão imposta pelo feudalismo capitalista e lançar os fundamentos de uma sociedade estabelecida sobre as bases da justiça e da igualdade. Já não basta, hoje, ao povo, exprimir suas reclamações por uma destas canções cuja melodia partia-vos o coração, cantadas pelos servos do século XVII, e que ainda hoje os camponeses eslavos cantam; trabalha com a consciência do que fez, e contra todos os obstáculos, por sua libertação.

Seu pensamento se exercita, amiúde, em adivinhar o que se deve fazer a fim de que a vida, ao invés de ser uma maldição para três quartos da humanidade, seja uma felicidade para todos. Ele aborda os problemas mais árduos da Sociologia e procura resolvê-los com seu bom senso, seu

espírito de observação, sua rude experiência. Para se entender com outros miseráveis como ele procura agrupar-se, organizar-se. Constitui-se em sociedades sustentadas com dificuldade por pequenas cotizações; procura o entendimento através das fronteiras e, melhor que os retóricos filantropos, prepara o dia em que as guerras entre os povos tornar-se-ão impossíveis. Para saber o que fazem seus irmãos, para melhor conhecê-los, para elaborar as idéias e propagá-las, ele sustenta — mas ao preço de muitas privações, de muitos esforços! — sua imprensa operária. Enfim, chegada a hora, ergue-se e, avermelhando com seu sangue os paralelepipedos das barricadas, lança-se à conquista destas liberdades que, mais tarde, os ricos e os poderosos saberão corromper em privilégios para voltá-los ainda contra ele.

Que série de esforços continuos! Que luta incessante! Quanto trabalho recomeçado constantemente, ora para preencher os vazios formados pelas deserções — em consequência da lassidão, da corrupção, das perseguições; ora para reconstituir as fileiras abertas pela fuzilaria e pela metralha; ora para retomar os estudos bruscamente interrompidos pelo extermínio em massa!

Seus jornais são criados por homens, que devem ter roubado da sociedade parcelas de educação, privando-se de sono e alimento; a agitação é sustentada por trocados retirados do mínimo necessário, amiúde pão seco; e tudo isto sob a apreensão continua de ver, em pouco tempo, a família reduzida à mais atroz das misérias, tão logo o patrão perceba que “seu operário, seu escravo, trabalha pelo socialismo!”

Eis o que vereis, se caminhardes no sentido do povo.

...

E nesta luta sem fim, quantas vezes o trabalhador, sucumbindo sob o peso dos obstáculos, não se perguntará em vão: “Onde estão, pois, esses jovens que estudaram às nossas custas? Esses jovens que alimentamos e vestimos enquanto estudavam? Para quem, com o dorso curvo sob o fardo, e o ventre vazio, construímos essas casas, essas academias, esses museus? Para que, com o rosto pálido, imprimimos esses belos livros que não podemos sequer ler? Onde estão esses professores que dizem possuir a ciência humanitária e para quem a humanidade não vale uma espécie rara de lagarta? Esses homens, que falam de liberdade e nunca defendem a nossa, pisoteada todos os dias? Esses escritores, esses poetas, esses pintores, todo esse bando de hipócritas que, em uma palavra, com lágrimas nos olhos, falam do povo, e que nunca se encontraram ao nosso lado para nos ajudar em nossos trabalhos?”

Uns satisfazem-se com sua covarde indiferença; outros, a maioria, desprezam “a canalha” e estão prontos a precipitar-se sobre ela, no caso de ela ousar tocar em seus privilégios.

De vez em quando chega um jovem que sonha com tambores e barricadas e vem em busca de emoções, mas deserta a causa do povo tão logo percebe que o caminho da barricada é longo, que o trabalho é penoso e que, neste caminho, as coroas de louro que ele vem conquistar estão misturadas a espinhos. Com maior frequência, são ambiciosos insaciados, que, após terem fracassado em suas primeiras tentativas, procuram captar os votos do povo, mas, mais tarde, serão os primeiros a troar contra ele, assim que este queira aplicar os princípios que eles próprios professaram; talvez façam apontar os canhões contra a “vil multidão”, se ela ousar se mover antes que, eles, os chefes, tenham dado o sinal.

Acrescentai a estúpida injúria, o arrogante desprezo, a covarde calúnia por parte da maioria, e tereis tudo o que o povo agora recebe por parte da juventude burguesa, para ajudá-la em sua evolução social.

...

E depois disso perguntaríeis ainda: “O que fazer”, quando tudo está por ser feito! Quando todo um exército de jovens teria como aplicar toda a força de suas energias, de suas inteligências, de seus talentos para ajudar o povo na imensa tarefa, que ele empreendeu!

Vós, amadores de ciência pura, se fostes tocados pelos princípios do socialismo, se haveis compreendido todo o alcance da revolução que se anuncia, não observais que toda a ciência deve ser refeita para que seja colocada de acordo com os novos princípios; que se trata de realizar neste domínio uma revolução cuja importância deve ultrapassar de muito aquela que se realizou nas ciências no século XVIII? Não compreendeis que a história — hoje “fábula convencional”, sobre a grandeza dos reis, das grandes personagens e dos parlamentos — deve ser toda reformulada do ponto de vista popular, do ponto de vista do trabalho realizado pelas massas nas evoluções da humanidade? Que a Economia social — hoje, consagração da exploração capitalista — deve ser toda elaborada de novo, tanto em seus princípios fundamentais quanto em suas inúmeras aplicações? Que a Antropologia, a Sociologia, a Ética devem ser por inteiro remanejadas, e que as próprias Ciências Naturais, encaradas sob um novo ponto de vista, devem sofrer uma profunda modificação quanto à maneira de conceber os fenômenos naturais e ao método de exposição? Pois bem, fazei-o! Colocai vossa inteligência a serviço de uma boa causa! Sobretudo, porém, vinde ajudar-nos com vossa lógica rigorosa para combater os preconceitos seculares, para elaborar, pela síntese, as bases de uma organização melhor; sobretudo, ensinai-nos a aplicar em nossos raciocínios a ousadia da verdadeira investigação científica e, dando o exemplo, mostrai-nos como se sacrifica a vida pelo triunfo da verdade!

Vós, médico, ao qual a dura experiência fez com que compreendêsseis o socialismo, não vos fatigais dizendo-nos, hoje, amanhã, todo dia e em cada ocasião, que a humanidade caminha para a degenerescência, se continuar nas atuais condições de existência e trabalho; que vossas drogas permanecerão impotentes contra as doenças, enquanto 99% da humanidade vegetarão em condições absolutamente contrárias ao que a ciência quer; que são as causas das doenças que devem ser eliminadas, e o que é preciso para eliminar estas causas. Vinde, pois, com vosso escalpelo dissecar com mão firme esta sociedade em via de decomposição, dizer-nos o que uma existência racional deveria e poderia ser e, como verdadeiro médico, repetir-nos que ninguém deve se deter diante da supressão de um membro gangrenado, quando ele pode infeccionar todo o organismo.

Vós, que trabalhastes nas aplicações da ciência na indústria, vinde contar-nos com franqueza qual foi o resultado de vossas descobertas; fazei entrever àqueles que ainda não ousam lançar-se com coragem ao futuro, o que o saber já adquirido traz de novas invenções em seu bojo, o que a indústria poderia ser em melhores condições, o que o homem poderia produzir, se produzisse sempre para aumentar sua produção. Trazei ao povo o concurso de vossa intuição, de vosso espírito prático e de vossos talentos de organização, ao invés de colocá-los em benefício dos exploradores.

Vós, poetas, pintores, escultores, músicos, se compreendestes vossa verdadeira missão e os próprios interesses da arte, vinde, então, colocar vossa caneta, vosso pincel, vosso buril, em favor da revolução. Contai-nos em vosso estilo figurado ou em vossos quadros surpreendentes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com esse belo sopro revolucionário que inspirava nossos ancestrais; dizei à mulher o que a atividade de seu marido tem de belo se ele dá sua vida à grande causa da emancipação social. Mostrai ao povo o que a vida atual tem de feio e fazei-nos tocar nas causas desta feiúra; dizei-nos o que uma vida racional teria sido se ela não se chocasse, a cada passo, contra as inépcias e as ignomínias da ordem social atual.

Enfim, vós todos que possuíis conhecimentos, talentos, se tendes coração, vinde, pois, vós e vossos companheiros, colocá-los a serviço daqueles que mais precisam. E sabeis que, se vierdes, não como senhores, mas como camaradas de luta; não para governar, mas para inspirar-vos em um novo meio; menos para ensinar do que para conceber as aspirações das massas, adivinhá-las e formulá-las, e depois trabalhar, sem descanso, continuamente, com todo o ímpeto da juventude, para fazê-los entrar na vida — sabeis que, então, mas só então, vivereis uma vida completa, uma vida racional. Vereis que cada um de vossos esforços feitos neste sentido produz amplamente seus frutos; — e este sentimento de concordância, estabelecida entre vossos atos e mandamentos de vossa consciência, dará forças que não suspeitáveis existir em vós mesmos.

À luta pela verdade, pela justiça, pela igualdade, no seio do povo — o que encontrareis de mais belo na vida?

IV

Foram-me necessários três longos capítulos para demonstrar aos jovens das classes abastadas que, diante do dilema que a vida apresentar-lhes-á, eles serão forçados, se são corajosos e sinceros, a virem se juntar aos socialistas e, com eles, abraçar a causa da revolução social. Esta verdade é, todavia, muito simples! Porém, falando àqueles que sofreram a influência do meio burguês, quanto sofisma a combater, quanto preconceito a vencer, quanta objeção interessada a eliminar.

É-me fácil ser mais breve falando-vos, jovens do povo. A própria força das coisas leva-vos a vos tornardes socialistas, por pouco que tenhais a coragem de raciocinar e agir de acordo. Com efeito, o socialismo moderno saiu das próprias profundezas do povo. Se alguns pensadores, oriundos da burguesia, vieram trazer-lhe a sanção da ciência e o apoio da filosofia, o fundamento das idéias que eles anunciaram não deixa de ser um produto do espírito coletivo do povo trabalhador. Este socialismo racional da Internacional, que é hoje nossa melhor força, não foi ele elaborado nas organizações operárias, sob a influência direta das massas? E os poucos escritores, que ofereceram seu concurso a este trabalho de elaboração, não fizeram outra coisa senão encontrar a fórmula das aspirações, que já emergiram entre os operários?

Sair das fileiras do povo trabalhador e não se dedicar ao triunfo do socialismo, é desconhecer seus próprios interesses, renegar sua própria causa e sua missão histórica.

...

Lembra-vos do tempo em que, ainda criança, descíeis num dia de inverno para divertir-vos em vossa escura ruela? O frio vos mordia os ombros através de vossas finas vestes e a lama enchia vossos sapatos rasgados. Já naquela época, quando víeis passar de longe estas crianças roliças e ricamente vestidas, que vos olhavam com um ar arrogante, sabíeis bem que esses fedelhos, vestidos impecavelmente, não vos valiam, vós e vossos camaradas, nem por sua inteligência, nem pelo bom senso, nem pela energia. Mais tarde, porém, quando tivestes de encerrar-vos em uma suja oficina, desde as cinco ou seis horas da manhã, manter-vos doze horas junto a uma máquina barulhenta e, vós mesmos máquina, seguir dia após dia, e durante anos a fio, seus movimentos de impiedosa cadência, os outros, enquanto isso, iam tranquilamente estudar nos colégios, nas belas escolas, nas universidades. E, agora, essas mesmas crianças, menos inteligentes, porém mais cultas que vós, tornadas vossos chefes, vão gozar de todas as delícias da vida, de todos os benefícios da civilização — e vós? O que vos espera?

Entrais em um pequeno apartamento escuro e úmido, onde cinco, seis seres humanos, fervilham no espaço de alguns metros quadrados; onde vossa mãe, fatigada pela vida, mais envelhecida pelas preocupações do que pela idade, oferece-vos, como refeição, pão, batatas, e um líquido escuro qualificado com ironia de café; onde tendes, como distração, sempre a mesma questão na ordem do dia, a de saber como pagareis amanhã o padeiro e depois de amanhã o locador!

Pois bem, será necessário que leveis a mesma existência miserável que vosso pai e vossa mãe levaram durante trinta, quarenta anos: Trabalhar toda a vida para proporcionar a alguns todos os gozos do bem-estar, do saber, da arte, e guardar para si a continua preocupação com o pedaço de pão? Renunciar para sempre a tudo que torna a vida tão bela, para se dedicar a proporcionar todas as vantagens a um punhado de ociosos? Desgastar-se no trabalho e só conhecer a penúria, se não a miséria, quando o desemprego vier? É isso que cobiçais na vida?

...

Talvez vos resignareis. Não antevendo saída para a situação, pode acontecer que vos digais: “Gerações inteiras tiveram o mesmo destino e eu, que nada posso mudar desta situação, devo sofrê-lo também! Assim, trabalhemos, e tratemos de viver o melhor que pudermos.”

Seja! Contudo, a própria vida se encarregará de instruir-vos.

Um dia virá a crise, uma destas crises, não mais passageira como outrora, mas a que mata, de repente, toda uma indústria, que reduz à miséria milhares de trabalhadores, que dizima as famílias. Lutareis, como os outros, contra esta calamidade. Em pouco tempo, contudo, perceberéis como vossa mulher, vosso filho, vosso amigo, sucumbem pouco a pouco às privações, enfraquecem-se a olhos vistos, e, por falta de alimentos, de cuidados, acabam por morrer sobre um catre, enquanto a vida, despreocupada com aqueles que perecem, faz circular seus fluxos alegres nas ruas da grande cidade, radiante de sol. Compreendereis, então, o que esta sociedade tem de revoltante; pensareis nas causas da crise e vosso olhar sondará toda a profundidade desta iniquidade, que expõe milhares de seres humanos à cupidez de um punhado de ociosos; compreenderéis que os socialistas têm razão, quando dizem que a sociedade atual deve ser, e pode ser, transformada totalmente.

Um outro dia, quando vosso patrão procurar, por uma nova redução de salários, subtrair-vos mais alguns trocados, para aumentar ainda mais sua fortuna, protestareis; todavia, ele vos responderá com arrogância: “Ide pastar, se não quiserdes trabalhar por esse preço”. Compreendereis, então, que vosso patrão não só procura vos tosquiar como a um carneiro, mas também vos considera como de raça inferior; que, não contente de vos ter em suas garras pelo salário, ainda aspira a fazer de vós um escravo, sob todos os pontos de vista. Assim, ou curvareis o

dorso, renunciareis ao sentimento da dignidade humana e acabareis por sofrer todas as humilhações, ou, ainda, o sangue vos subirá à cabeça, tereis horror da declividade sobre a qual escorregais, ripostareis e, jogado à rua, compreenderéis que os socialistas têm razão quando dizem: “Revolta-te! Revolta-te contra a escravidão econômica, pois ela é a causa de todas as escravidões!” Então, vireis juntar-vos às fileiras socialistas e trabalhareis com elas pela abolição de todos os escravos: econômico, político e social.

Em um desses dias conhecereis a história da jovem, cujo olhar, porte esbelto e conversa animada eram tão amados por vós. Após ter lutado anos contra a miséria, deixou seu vilarejo para ir para a grande cidade. Lá, ela sabia que a luta pela existência seria dura, mas, pelo menos, esperava ganhar honestamente seu pão. Pois bem, agora sabeis o destino que ela teve. Cortejada por um filho de burguês, deixou-se ludibriar por suas belas palavras, deu-se a ele com a paixão da juventude, para se ver abandonada, ao fim de um ano, com uma criança nos braços. Sempre corajosa, não cessou de lutar; mas sucumbiu nesta luta desigual contra a fome e o frio, e acabou por expirar, não se sabe em qual hospital... O que fareis, então? Ou afastareis qualquer lembrança incômoda com algumas palavras estúpidas: “Não foi a primeira, não será a última”, direis, e, numa tarde, escutar-vos-ão em um bar, em companhia de outros brutos, ofender a memória da jovem com sujas maledicências. Ou, então, esta lembrança vos apertará o coração; procurareis encontrar o covarde sedutor para lançar-lhe seu crime ao rosto; refletireis sobre as causas destes fatos, que se repetem todos os dias, e compreenderéis que eles não cessarão enquanto a sociedade estiver dividida em dois campos: de um lado, os miseráveis, e, de outro, os ociosos, estróinas de belas palavras e apetites brutais. Compreenderéis que é tempo de preencher este abismo de separação, e correreis para vos juntar aos socialistas.

...

E vós, mulheres do povo? Esta história vos deixará insensíveis? Acariciando a cabeça loura desta criança, que se aconchega a vós, nunca pensais no destino que está reservado à vossa irmázinha, a vossos filhos? Desejais que vossos filhos também vegetem como vosso pai também vegetou, sem outra preocupação senão a do pão, sem outras alegrias, além do cabaré? Desejais que vosso marido, vosso filho, estejam sempre à mercê de qualquer um, que herdou de seu pai um capital a explorar? Desejais que eles permaneçam sempre escravos do patrão, bucha de canhão dos poderosos, esterco que serve de adubo aos campos dos ricos?

Não, mil vezes não! Sei que vosso sangue fervia, quando ouvistes que vossos maridos, após terem começado ruidosamente uma greve, acabaram por aceitar, cabisbaixos, as condições ditadas em tom arrogante pelos grandes burgueses! Sei que admirastes essas mulheres espanholas que vão,

à frente, apresentar seus peitos às baionetas dos soldados, quando de uma insurreição popular! Sei que repetis com respeito o nome desta mulher, que foi cravar uma bala no peito do sátrapa, quando ele se permitiu um dia ultrajar um socialista aprisionado. Sei também que vosso coração batia quando léis como as mulheres do povo de Paris se reuniam, sob uma chuva de obuses, para encorajar “seus homens” ao heroísmo.

Sei disso, e é por isso que não duvido que acabareis por vos juntar àqueles que trabalham pela conquista do futuro.

...

Todos vós, jovens sinceros, homens e mulheres, camponeses, operários, empregados e soldados, compreenderéis vossos direitos e vireis conosco; vireis trabalhar com vossos irmãos para preparar a revolução que, abolindo toda escravidão, quebrando todas as correntes, rompendo com as velhas tradições e abrindo a toda humanidade novos horizontes, virá enfim estabelecer nas sociedades humanas a verdadeira igualdade, a verdadeira liberdade, o trabalho para todos, e também para todos o pleno gozo dos frutos de seu trabalho, o pleno gozo de todas as suas faculdades; a vida racional, humanitária e feliz!

Que não venham nos dizer que somos um pequeno punhado, muito fraco para alcançar o objetivo grandioso a que visamos.

Contemo-nos, e vejamos quantos somos a sofrer de injustiça. Camponeses, nós que trabalhamos para outrem e que comemos aveia para deixar o trigo ao senhor, somos milhões de homens; somos tão numerosos que, sozinhos, formamos a massa do povo. Operários, nós que tecemos a seda e o veludo para nos vestirmos de molambos, somos também milhões; e, quando os apitos das fábricas nos permitem um instante de repouso, inundamos as ruas e as praças, como um mar estrepitoso. Soldados, conduzidos pelo bastão, nós, que recebemos as balas para que os oficiais recebam as condecorações e os galões; nós, pobres estúpidos que até agora só soubemos fuzilar nossos irmãos, bastará que façamos meia-volta para ver empalidecer estes poucos personagens agaloados que nos comandam. Nós todos, que sofremos e que somos ultrajados, somos a imensa multidão, somos o oceano, que tudo pode engolir. Desde que tenhamos a vontade, bastará um momento para que a justiça se faça.